

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

PORVIRES E REVIRES DAS TRAJETÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO: RESSIGNIFICANDO A CARTILHA ESCOLAR

Autora: Michele Pedroso do Amaral (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Capes)¹

Resumo: As memórias dos espaços escolares pelos quais se transita vão além de meros recortes inalterados de lembranças daquilo que se vivência e do que agora se relembra; elas representam possibilidades de (re)vivenciar, de (re)experienciar e de constituir o tempo presente. Sendo assim, este artigo estrutura-se por meio de enlaçamentos de algumas de minhas memórias nas trajetórias pela escola, considerando principalmente o período em que cursei a 1ª. série (1996) do Ensino Fundamental e momentos no curso Normal (2005). Ressalta-se que é dedicada especial atenção à análise da cartilha escolar, sendo que foi com a mesma versão que fui alfabetizada, com o objetivo de compreender quais são as principais temáticas educacionais recorrentes nesse material, e que concepções e ideologias poderiam ser emergentes no contexto histórico-social daquela época. Para fundamentar esses escritos, consideram-se autoras e autores vinculados à educação, à genealogia, ao pós-modernismo e à história cultural e autobiográfica. Tais escritos poderão ser potentes para refletir acerca do ser humano em formação, e aos modos como o funcionamento da instituição escola e seus artefatos podem afetar a constituição das subjetividades.

Palavras-chave: Educação. Memória. Escola. Cartilha. Alfabetização.

MEMÓRIAS ATRAVESSADAS: O PASSADO PRESENTE

O ano de 1995, foi uma época que marcou transições importantes em minha vida, tais como o início de minhas atividades escolares na pré-escola do Colégio Estadual de Ensino Fundamental Clemente Pinto, localizado na cidade de Caxias do Sul – RS, as primeiras vivências num ambiente formal de educação, as amizades e a incorporação de hábitos ditos necessários e valorizados naquele espaço. No ano de 1996, iniciei meus estudos na 1ª. série do Ensino Fundamental, quando fui alfabetizada².

Nove anos mais tarde, em 2005, cursando o 2º. ano do curso Normal, durante uma das atividades sugeridas pela professora da disciplina de Didática Geral, cerca de 29 normalistas e eu fomos orientadas a analisar alguns livros didáticos, para, literalmente, recortar e colocar os recortes em uma pasta indicada para tal, para atividades que julgássemos interessantes e que pudessem estimular a apropriação da leitura e escrita. Tal foi minha surpresa, quando, nesse dia, viro para trás, para falar algo a uma colega, quando fui acometida por uma sensação que inicialmente me silenciou e que, aos poucos, foi compondo um mosaico de memórias que saltitavam em mim, cutucando-me sobre épocas passadas. Experienciando tal situação, resgatei em minhas mãos a cartilha da qual a colega selecionava atividades, distraidamente, e a folhee com apreço e

¹ E-mail: michele.amaral@acad.pucrs.br

² Nessa época, debates efervesciam diante da reestruturação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/1996) em âmbito nacional, que viria a ser sancionada no dia 20 de dezembro desse mesmo ano, e projetos, em torno da atualização e qualificação da educação eram (e continuam a ser) emergentes.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

nostalgia. Após apreciar suas imagens, olho para a colega (espantada e curiosa com minha reação), que logo compreendeu minhas razões, afinal eu havia sido alfabetizada com uma cartilha da mesma versão³.

Este fato levou-me a perguntar pelas razões de lembrar daquela cartilha, nove anos mais tarde. Colocando-me a distância, a fim de refletir sobre isso (mesmo sabendo que com tal deslocamento não estou isenta de meus próprios valores e crenças), percebo que uma das razões pode estar relacionada ao fato de que foi com ela (cartilha) que eu fui alfabetizada e que passei da condição de não alfabetizada, ao grupo dos que conheciam e se apropriaram do código escrito e lido. (BOTO, 2004, p. 495-496). Além do mais, é interessante ressaltar que os artefatos pertencentes à cultura escolar, são portadores de múltiplas sutilezas, o que os tornam produtos materiais de mediação entre as realidades individuais e sociais. (MOGARRO, 2006, p.79).

A partir dessas considerações, ressalta-se a importância da memória no contexto escolar, instituição que, não raras vezes, tem sua cultura depreciada que pode ser vista como descartável e supérflua. Porém, conforme Mogarro (2006, p. 79), os sujeitos, na escola, aprendem e transmitem uma cultura e constroem a sua própria, decorrendo daí a criação de uma realidade específica, à qual são deixados documentos, testemunhos e vestígios, pelos quais é possível caracterizar as instituições.

As memórias não estão à parte do que se é, rendidas em tempos passados, desconexas do agora, mas por ser ressignificação pode ser possibilidade de compor outras performances para a dança dos porvires da vida continuar, pela via de melodias desconhecidas, incessantes e caleidoscópicas. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p.420). Pode-se pensá-la com aquele "olhar pelo retrovisor" e que agora é cultura encarnada, como metaforiza e explica Escolano (2011, p. 21), por isso mesmo, o autor ainda destaca que a memória possibilita reconhecer a historicidade da existência em relação à vida em sociedade como patrimônio comunitário a ser preservado e difundido. (ESCOLANO, 2011, p. 29).

As memórias podem ser entendidas como movimentos de idas, vindas, reviravoltas cambaleantes, indefinidas e atravessadas, próprias dos modos híbridos, contingentes e incertos pelos quais é constituída a vida. É com e por elas, que significamos nós mesmas e mesmos socialmente.

Para Foucault (2003), as concepções que temos acerca do que somos, embasam nossas condutas e podem nos aprisionar, sendo necessário liberar nossas subjetividades⁴ (FOUCAULT, 2003, p. 318). Por isso, parece potente colocar contra a parede nossas próprias verdades.

Nietzsche (2008), em críticas realizadas sobre a linguagem, e sobre a noção de verdade, esclarece que o pensamento não tem acesso as coisas em si e por isso, as palavras estabeleceriam relações entre sujeitos e

³ Foi pelo modelo de "diploma", certificando a alfabetização dos e das prováveis estudantes, presente na cartilha, que eu tive a certeza de que se tratava da versão de minha época, pois, ao final do ano de 1996, já alfabetizada o recebi o e o guardei entre os documentos da família.

⁴ Quanto a este conceito, retomamos a Foucault (2002), para quem os processos de subjetivação são indissociados aos processos disciplinares, que se exercem como agenciamentos concretos sobre os corpos.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

as coisas, mas, não carregariam as coisas a que se referem. Assim, palavras dizem respeito aos próprios indivíduos e as funções que elas desempenham culturalmente. Ou seja, as palavras se tornam conceitos quando passam a se relacionar com as experiências análogas do contexto social de onde surgiram. Sendo assim, as verdades seriam os valores que são indissociáveis da linguagem instituída por convenção e que mantém a vida gregária.

Portanto, colocar em questão não o que é dito por verdades, mas as valorações atribuídas ao que assim é convencionalizado é potente. Dito de outro modo, no momento em que se questiona sobre a proveniência do que é colocado como verdade, indo além da crença da verdade como fundamento de um princípio originário, universal, criam-se espaços de devir, que não procuram por uma identidade fixa nos acontecimentos.

Nesta esteira, Foucault (2002), alinhado a filosofia nietzschiana, argumenta só poderem existir determinados tipos de sujeitos de conhecimento, determinadas ordens de verdades e certos domínios de saber, a partir de condições políticas entre os domínios de saber e as relações com as ditas verdades. (FOUCAULT, 2002, p.8, 27). As verdades, nessa perspectiva, referem-se ao que se nomeia por verdades. Assim, os discursos não diriam respeito a um conjunto de signos compostos por elementos significantes que remeteriam a conteúdos ou a representações, mas seriam práticas que inauguram os objetos de que falam. (FOUCAULT, 1987, p.56).

Assim, transcorridas mais de uma década, desde que guardei a cartilha na ocasião do curso Normal em 2005, fiquei à espreita de uma oportunidade para poder analisá-la e rememorá-la. Dessa forma, o presente artigo⁵ constitui-se a partir de problematizações acerca do cruzamento entre algumas de minhas memórias, principalmente em relação a 1ª. série do Ensino Fundamental e momentos no curso Normal. Memórias que foram evocadas através da análise⁶ da cartilha escolar: “Alegria de Saber: alfabetização”, de autoria de Lucina Passos (1995), obra com a qual fui alfabetizada. Nosso objetivo foi o de identificar e analisar temáticas educacionais recorrentes no material, e a partir delas, possíveis ideologias e consensos.

Porém, cabe ressaltar, que entendemos que com a análise da cartilha, não estávamos à procura de sentidos ocultos a serem desvelados, ou mensagens subliminares, que guardariam essencialidades, ou ditas verdades sobre este material. Mas, pretendíamos nos aproximar do próprio discurso, a partir do modo como foi colocado, pois como lembra Cunha (1997, p.187) alguém quando relata os fatos que viveu, reconstrói a trajetória percorrida atribuindo novos significados, por isso, a narrativa não expressa a verdade dos fatos, mas a representação que os indivíduos fazem deles.

⁵ O presente ensaio é uma versão sintetizada (a versão original é composta por 40 laudas) de um trabalho final criado a partir das provocações fomentadas na disciplina: “Educação, Pesquisa e Cultura Escolar” (2016/2), ministrada pela Professora Dr^a. Maria Helena Camara Bastos, a quem agradeço pelos deslocamentos e incentivo à publicação.

⁶ Para realização da análise, consideramos: a estruturação didática, a fundamentação teórica, a metodologia e avaliação.

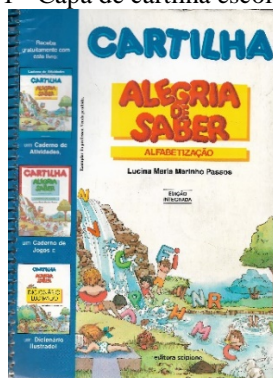
IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

POSSÍVEL RESSIGNIFICAÇÃO DA CARTILHA ESCOLAR

A cartilha em questão, chama-se “Cartilha Alegria de Saber: alfabetização”⁷, produzida em sua segunda edição em 1995⁸, pela Editora Scipione, São Paulo, de autoria de Lucina Maria Marinho Passos (escritora de outros materiais didáticos). No verso de sua contracapa, encontramos, em ordem alfabética, dados acerca dos Estados e das livrarias que promoveram sua distribuição e venda⁹. Na figura a seguir, vê-se a capa da cartilha:

Figura 1 - Capa de cartilha escolar, 1995



Fonte: Cartilha Alegria do Saber: alfabetização, 1995.

A cartilha estrutura-se a partir de atividades com propostas e métodos silábicos para a alfabetização. Encontra-se dividida em três seções¹⁰, sendo que a primeira contém 127 páginas de atividades que apresentam histórias e canções infantis, imagens ilustrativas com personagens que voltam a aparecer nas outras seções, exercícios de motricidade, de classificação, seriação, propostas de leitura de imagens. Identifica-se que não houve uma preocupação estrita de apresentar as vogais primeiramente¹¹, antes de iniciar aproximações com a leitura, por exemplo. A segunda seção nomeada: “Caderno de Atividades”, inicia novamente a partir do n. 1 e vai até a p. 79. É composta por atividades que exploram as vogais, tais como os encontros vocálicos e consonantais. A novidade mais evidente dessa seção é a de que, no decorrer das atividades, as e os estudantes poderiam recortar e colar imagens de personagens (encontrados no final dessa seção) para compor as

⁷ Com 19,5cm de largura por 27cm de comprimento e espiral. Ressaltamos que esta cartilha foi comprada e não ofertada pela instituição na época de minha alfabetização.

⁸ Destaca-se que a cartilha que eu adquiri durante o curso Normal é uma versão de edição (aos professores) pertencente à segunda edição, 1995. Não foram encontrados dados relativos à tiragem desse material no corpo da cartilha.

⁹ Entre os quais: Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe.

¹⁰ Após essas seções, acompanha, ainda, um “Dicionário ilustrado” e, na versão destinada aos professores, após o dicionário, aparece o “Manual do professor”.

¹¹ No entanto, a partir da página 14, as vogais começam a surgir em ordem alfabética e acompanhadas de versões em letras minúsculas e maiúsculas. A partir da p. 28, as consoantes também começam a aparecer e, da mesma forma, seguem o critério de ordem. Após a inclusão de consoantes, nessa seção, também aparecem atividades em torno à dificuldade de pronunciar sílabas complexas, como a própria autora decidiu nomear, tais como dígrafos, os sons do s, o emprego do h e do z, por exemplo.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

atividades, inclusive, pintando alguns. A última seção da cartilha: "Caderno de Jogos", também inicia a partir do número 1 e é composta por atividades com enfoque em jogos, tais como memória, quebra-cabeça, dominó, carimbos, todos acompanhados por instruções sobre como jogá-los.

Quanto ao embasamento teórico da cartilha, as principais fundamentações consideram estudos sobre o desenvolvimento cognitivo proposto por Jean Piaget (1896-1980) dos processos de leitura e escrita de Emília Ferreiro (1937) e da educação crítica por um viés dialógico, pautadas nos conhecimentos prévios e nas realidades dos e das estudantes, defendidas por Paulo Freire (1921-1997), evidenciando-se as concepções de aprendizagem em voga nesta época, conforme as próprias referências presentes na cartilha.

Quanto à avaliação, a cartilha considera a totalidade qualitativa e não somente a quantitativa. Para tal, são sugeridas diferentes estratégias de avaliação: avaliação coletiva (durante trabalhos em grupo, entre colegas e professoras e professores); avaliação cooperativa (em ditados em duplas); autoavaliação (quando os alunos e as alunas avaliam-se); e autocorreção (durante "treinos" ortográficos, conforme descrição do material).

Durante a análise da cartilha, realizada através do manuseio do material e por diversas leituras, percebemos que algumas atividades e instruções evidenciavam algumas temáticas recorrentes, pelas quais foi possível delinear dez predominantes, que nomeamos da seguinte maneira: 1) Estrutura familiar e papéis desempenhados; 2) Relações de Gênero; 3) Vida social; 4) Raça e etnia: pretos/pardos, indígenas, brancos; 5) Meio ambiente; 6) Animais não humanos; 7) Concepções religiosas; 8) Saúde; 9) Moralização sobre o que seria o bom e o que seria o mau; e 10) Prescrições.

Ao se analisar o contexto total referente às imagens, textos escritos nas quais tais temáticas veiculavam-se, foi possível identificar possíveis concepções que as fundamentavam, e a isso associamos ao que seriam os significados ideológicos presentes nesse artefato. Quanto às ideologias e currículos, reconhecemos que estão enredados nas relações de poder. Ideologia não diz respeito a "falsidade" ou a "verdade" das ideias que vinculam, mas ao fato delas serem do interesse de determinados grupos em posição de vantagem na organização social, o que justifica as disputas por transmitirem uma concepção de mundo. Desta maneira, a ideologia é tida como essencial para a manutenção de certas vantagens, assim, seria potente considerar quais são as vantagens relativas que elas justificam ou legitimam. (MOREIRA; SILVA, 2005, p.23).

Neste norte, nas páginas seguintes, e considerando o espaço aqui disponível, nos dedicaremos a problematizar sinteticamente, apenas três das temáticas citadas anteriormente: Relações de Gênero, Vida social e Raça e etnia: pretos/pardos, indígenas e brancos, em relação às suas possíveis concepções e ideologias. Sendo assim, para melhor organização, optou-se por apresentar alguns exemplos através de imagens de textos e/ou figuras presentes na cartilha, como veremos na sequência.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

Quanto as **Relações de Gênero**, na Figura 2, pode-se observar a representação de uma personagem feminina, em uma cozinha¹², que se encaminha em direção ao fogão, para colocar a fôrma, que carrega nas mãos, para, provavelmente, assar algum alimento.



Fonte: Cartilha Alegria do Saber: alfabetização: alfabetização, 1995, p. 41.

Associamos essa imagem à temática Relações de Gênero, sendo que neste caso (e em outros) a personagem mulher, geralmente aparece associada com o desempenho de atividades domésticas, de cuidadora e administradora do lar. Percebe-se tal temática também na Figura 3. A canção cita o pai como alguém inteligente porque borda, prega botão, faz camisa, paletó e até saia de balão. Porém, ele teria aprendido tudo isso com a vovó. Mas, não poderia o personagem ter aprendido estas atividades sem ser com a ajuda de uma mulher?



Fonte: Cartilha Alegria do Saber: alfabetização: alfabetização, 1995, p. 10.

Ao se analisar a sugestão de cantiga na Figura 4, percebe-se que o personagem pato (o qual associamos ao masculino) é adjetivado como companheiro, por chocar os ovos. Porém, podemos perguntar sobre a autoridade, que o pato teria para mandar a pata (a qual associamos ao feminino), “ir bem-sossegada passear”. Caso ele não a “mandasse”, poderia a pata passear?



Fonte: Cartilha Alegria do Saber: alfabetização: alfabetização, 1995, p. 46.

Ou seja, pode-se pensar como são evidentes os discursos que situam como verdade que o papel de autoridade do lar pertenceria ao sexo masculino, como aquele que teria o poder de mandar e desmandar e, ao feminino, o de se submeter e de sobrepor às suas próprias vontades em prol de seus filhos e filhas, por exemplo.

¹² Tendo em vista os objetos que compõem o cenário: facas, fogão, cesto.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

Além do mais, ao realizar uma contagem, a fim de identificar quantas representações gráficas há de animais humanos¹³ e personagens do gênero feminino e masculino, presentes nas Seções I e II da cartilha, chega-se ao um total aproximado de 380 representações de animais humanos, sendo que, dessas, 170 são representações de pessoas do gênero feminino, e 40 são de personagens desse mesmo sexo, em relação a 210 representações de pessoas do gênero masculino e 109 personagens desse mesmo sexo. Isto evidencia a predominância masculina com 40% da representação de pessoas do gênero masculino e 21% da representação de personagens masculinos; em relação a 32% de representações de pessoas do gênero feminino, e 7% de representações de personagens femininos. Ou seja, há a predominância de personagens masculinos.

Quanto a temática **Vida social**, cabe esclarecer que este título foi atribuído em razão de identificarmos tentativas por apresentar quais seriam as “ações” e “perfis” “ditos” adequados à vida social. Na figura 5, há a sugestão de uma atividade em que se deveria numerar por ordem de acontecimentos dos fatos, conforme aparece nas respostas, uma história que já apareceu na página anterior da cartilha. A história narra uma situação em que crianças riem de Hugo, um mendigo que se tornou herói e amigo dos habitantes da cidade, após salvar uma menina de um incêndio:

Figura 5 - Vida social



Fonte: Cartilha Alegria do Saber: alfabetização: alfabetização, 1995, p. 73.

Nota-se que, antes de ser herói, Hugo é caracterizado como mendigo, mas a ação de ter salvado a menina – com vida – foi o motivo para que passasse a ser considerado na vida social de outra maneira, por outro perfil, o de herói, expresso no quadrinho do meio, que representa o final da narrativa. As questões sociais, que levam alguém a ser motivo de risadas por ser mendigo, nessa situação, não estão presentes, parecendo importar, apenas, a ação de Hugo, como algo que lhe rende um rótulo de “cidadão”, pertencente a cidade com os demais habitantes. Poderíamos perguntar: que outras ações seriam necessárias para que outras e outros ditos infames pudessem ser consideradas e considerados habitantes, pertencentes, normais na vida social?

A temática: **Raça e etnia: pretos/pardos, indígenas e brancos**, diz respeito às concepções em torno de raça e etnia, conceitos que se entende de maneiras diferentes, apesar de poderem ser relacionados como sinônimos. Porém, raça é um termo utilizado historicamente como modo de identificar categorias socialmente

¹³ Para tal, tomou-se o cuidado de não contar duas vezes, ou mais, representações de personagens que se repetiam na mesma página.

IV SIPASE

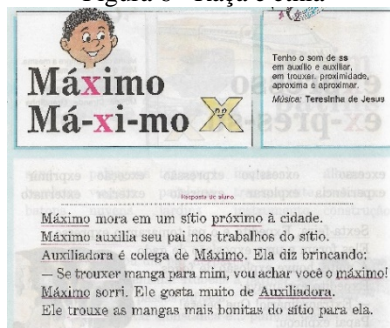
Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

definidas (como em relação à cor, tipo de cabelo, conformação da face e do crânio, ancestralidade, genética), apesar da cor da pele não ser um determinante que indica a ancestralidade, como em relação a miscigenação da população brasileira. Em relação a etnia, esta se refere ao âmbito cultural, onde grupos humanos em um território, partilham de afinidades linguísticas, culturais, políticas. (SANTOS; PALOMARES; NORMANDO; QUINTÃO, 2010, p.124).

Dessa forma, a preocupação foi a de identificar que raças, a partir da cor da pele, e etnias, aos grupos étnicos, eram predominantes e em que situações, sob que aspectos, contextos, ações, etc. se relacionavam e apareciam na cartilha. Ao se levar em conta o total de 380 representações gráficas de animais humanos, evidencia-se a predominância da cor branca com 313 representações, somando 82% do total, em relação às de cor preta¹⁴ ou parda com 60 representações, somando 16% do total, em uma relação ainda mais drástica com indígenas, com sete representações, num total de 2%, aproximadamente.

Na Figura 6, apresenta-se um excerto da cartilha, em que aparece a representação gráfica de um menino chamado Máximo, seguido por um pequeno texto que narra características sobre a vida do personagem. Como se pode visualizar:

Figura 6 - Raça e etnia



Fonte: Cartilha Alegria do Saber: alfabetização: alfabetização, 1995, p. 114.

De acordo com o texto, Máximo mora em um sítio próximo da cidade onde auxilia seu pai no trabalho de lá. Nesse mesmo local, Auxiliadora, colega do menino, pede (brincando) que ele lhe traga uma manga, por achar o menino o máximo, e, como o guri gostava muito dela, ele dá mangas para sua colega. Pode-se observar que Máximo é representado como sendo uma criança que mora e ajuda seu pai no sítio, retratando a imagem de alguém que precisa passar por isso, diferentemente de sua colega, que não fica especificado aonde mora e nem como seria retratada na cartilha. Além disso, representações de crianças vinculadas a atividades de trabalho (na maioria no campo), aparece quatro vezes no decorrer das Seções I e II, e, exceto uma delas, as outras são representadas por crianças pretas ou pardas.

¹⁴ Nomeia-se desta maneira, em razão de estarmos nos referindo a "cor".

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

Em relação à etnia indígena presentes na cartilha, com apenas sete recorrências, seis vezes a imagem dessas pessoas aparecem para exemplificar palavras que iniciam com a letra **i** e, em apenas uma situação, sugere-se como atividade, que as crianças elaborem um cartaz com desenhos, imagens e apetrechos utilizados no cotidiano dessas pessoas. Nos questionamos sobre as razões de os indígenas não terem sido considerados para aparecer com mais frequência no material, formulamos algumas hipóteses, entre elas a de que talvez não fosse de interesse, por isso, quando aparecem na cartilha, estão associados à exemplificação, como algo exótico, e à parte da própria definição de humanidade que a cartilha apresenta¹⁵, como se pode analisar na Figura 7, visível a seguir:

Figura 7- Etnia



Fonte: Cartilha Alegria do Saber: alfabetização: alfabetização, 1995, p. 23.

PORVIRES E REVIREs: EM VIAS DE CONCLUIR

Por cadências de múltiplos compassos ritmados por lembranças, esquecimentos e rupturas sutis, tece-se a memória. Os sons, os cheiros, os olhares, os gestos, as idas, vindas, reviravoltas, desistências, ousadias, encantamentos e desencantos são carne, ecos e vestígios envolvidos nisso tudo.

As memórias escolares sensibilizam de modo marcante, em razão de que se dedica anos da vida na instituição escola, em seus diferentes níveis de ensino e como lembra Dussel e Caruso (2003, p.29), quando passamos muito tempo em uma instituição, seus costumes, estrutura e hábitos são gradualmente naturalizados e constituidores de nossas subjetividades. No entanto, pensar sobre isto pode ser potente, na medida em que nos propusermos a questionar as ditas verdade os discursos aparentemente naturalizados.

Enfim, ao nos aproximarmos dos vestígios do passado escolar, seja por fotografias, documentações ou por outras fontes e artefatos históricos, que evocam memórias, podemos ser acometidas e acometidos por sensações nunca antes experimentadas, e por instantes de rememoração, que nos deslocam do tempo presente, e possibilitam o distanciamento de nós mesmas e mesmos, para que “lá, de longe”, consigamos apreciar àquela e aquele que agora se vê.

¹⁵ Na seção pertencente ao “dicionário ilustrado” da cartilha (PASSOS, 1995, p.14), a definição de humanidade é representada a partir da imagem de quatro pessoas, sendo três delas homens (dois de cor branca e um de cor preta) e de uma mulher (branca). Não aparecem, no entanto, imagens de indígenas.

IV SIPASE

Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação
"A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A PESSOA EM FORMAÇÃO"

REFERÊNCIAS

- BOTO, Carlota. **Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 493-511, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a09v30n3.pdf>>. Acesso em: 09.nov.2016, p.493-511.
- CUNHA, M. I. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino.** Rev. Fac. Educ. vol. 23 n.1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010>. Acesso em: 14.nov.2016. p. 185-195.
- DUSSEL, Inês e CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar.** São Paulo: Moderna, 2003.
- ESCOLANO, Benito, Agustín. **Más ala del espasmo del presente. La escuela como memoria.** História da Educação/ASPHE, v. 15, n.33, jan/abr. 2011, p.10-30. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3216/321627140002.pdf>>. Acesso em 12.set.2016.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas.** 4.ed. Sao Paulo: M. Fontes, 1987.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas.** 3.ed. Rio de Janeiro: Nau, 2002. p. 7-27.
- _____. **Ditos & escritos IV – Estratégia, poder, saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2003.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 25.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MOGARRO, Maria João. **Arquivo e Educação: a construção da memória educativa.** Sísifo. Revista de Ciências da Educação/UL. Lisboa, set/dez. 2006.
- MOREIRA, Antônio, Flávio Barbosa. SILVA, Tomaz, Tadeu. **Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução.** In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 7-38.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sobre verdade e mentira.** Organização e tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.
- PASSOS, Lucina Maria Marinho. **Cartilha Alegria de Saber: Alfabetização.** São Paulo, Scipione, 1995.
- SANTOS, Diego da Silva. PALOMARES, Nathália Barbosa. NORMANDO, David. QUINTÃO, Cátia Cardoso Abdo. **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar.** Dental Press J Orthod. May-June. p. 121-124. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf>>. Acesso em: 11.nov.2016.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **História, memória e História da educação.** In. **Histórias e memórias da educação no Brasil.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. vol. III. p. 416-429.